

A MARIOLOGIA DE LUTERO NO *MAGNIFICAT*: PROTESTANTE OU CATÓLICA?

THE MARIOLOGY OF LUTHERANT IN *MAGNIFICAT*: PROTESTANT OR CATHOLIC?

Eduardo Cavalcante Oliveira Santos¹

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar a mariologia de Martinho Lutero na obra *Magnificat*, deixando de considerar os escritos do autor antes, e também os escritos que vieram depois da referida obra. Em primeiro lugar abordaremos o contexto histórico em que a obra *Magnificat* foi composta, em seguida faremos uma breve análise exegética da obra, depois abordaremos trechos da obra que parecem sugerir uma continuidade com a mariologia católica tradicional e por fim os trechos que parecem indicar uma ruptura com esta visão católica, sugerindo a existência de uma mariologia protestante ou evangélica.

Palavras-chave: *Magnificat*; Maria; Martinho Lutero; Catolicismo; Protestantismo.

Abstract: The aim of this work is to analyze the Martin Luther's mariology in *Magnificat*, failing to consider the writings of the author before, and also the writings that came after that work. We will approach the historical context in which *Magnificat* was composed, then we will make a brief exegetical analysis of the work, then we will discuss sections of the work that seem to suggest a continuity with the traditional catholic mariology and finally the sections that seem to indicate a rupture with this catholic sight, suggesting the existence of a protestant or evangelical mariology.

Keywords: *Magnificat*; Mary; Martin Luther; Catholicism; Protestantism.

Introdução

O objetivo deste artigo é analisar a mariologia de Martinho Lutero na obra *Magnificat*. Aqui não pretendemos considerar os escritos do autor antes e também os escritos que vieram depois da referida obra. Portanto, as possíveis flutuações do pensamento de Lutero em relação a devoção à Virgem Maria não são alvo deste trabalho. Oferecemos o mesmo como uma

¹ Doutorando e Mestre em Ciência da Religião (PUC-SP), e-mail: eduardo.cavalcante@unasp.edu.br.

análise parcial e em construção, a fim de continuarmos, em um momento posterior, nossas análises sobre a mariologia de Martinho Lutero.

Neste artigo tomaremos por base a nova edição da obra *Magnificat, o louvor de Maria*, de Martinho Lutero, reeditada em 2015 pela editora Santuário em coedição com a editora Sinodal, por ocasião da celebração de três eventos simbólicos no mundo cristão: os 50 anos do encerramento do Concílio Vaticano II (2015), os 300 anos do encontro da imagem de Nossa Senhora Aparecida (2017) e da comemoração dos 500 anos do início da Reforma Protestante (2017), início este simbolizado pela publicação das 95 teses de Martinho Lutero em 31 de outubro de 1517 na porta da Igreja do Castelo de Wittenberg.

1 Contexto histórico do *Magnificat* de Lutero

Lutero estudou o cântico de Maria, conhecido também por sua palavra latina inicial *Magnificat*, usando sua tradução de Lucas 1,46b-55 para a língua alemã. Ele escreveu o seu livro *Magnificat* com interrupções por causa das crescentes e aceleradas manifestações político-eclesiásticas que eclodiram a partir do seu trabalho bíblico-teológico, que enfatizava a salvação por meio da graça de Deus e da fé (REIMER, 2016, p. 45). Neste sentido, é de suma importância e significado a apresentação intitulada JESUS (LUTERO, 2015, p. 9-10), que ele escreveu e encaminhou ao seu destinatário antes mesmo de concluir a obra.

Em 10 de março de 1521, ao apresentar sua interpretação do *Magnificat*, que classificou como “humilde trabalho”, Lutero escreveu “ao tranquilíssimo e ilustríssimo Príncipe e Senhor João Frederico, Duque da Saxônia”,

recebi obedientemente a sua mensagem trazida há pouco e com alegria informei-me sobre seu conteúdo consolador. Faz tempo que prometi e estou devendo a Vossa Alteza uma explicação do Magnificat. Mas o desastroso comportamento de muitos adversários sempre me impediu de cumprir essa tarefa. Por isso planejei responder à sua carta também com o envio deste texto. Achei que demorar mais seria uma vergonha e um desaforo (LUTERO, 2015, p. 9).

Eram tempos conturbados. Lutero escreveu o *Magnificat* em meio a rejeições e apoios aos debates teológicos tornados públicos a partir da publicação e divulgação das 95 teses que refletiam a experiência e a descoberta da justificação por graça e fé e, por isso, contestavam a prática das indulgências e os abusos do poder eclesiástico. Desencadeou-se, a partir de 1517, uma dinâmica de adesões e represálias, ameaças e processos disciplinares que culminaram na bula *Exsurge Domine*, de 15 de junho de 1520, que acusava Lutero de heresia. A bula foi queimada por Lutero, na Universidade de Wittenberg, durante protestos contra a Cúria, que imediatamente reagiu com a bula *Decet Romanum Pontificem*, que declarava a excomunhão de Lutero em 3 de janeiro de 1521 (REIMER, 2016, p. 46).

É nesse contexto que Lutero recebeu e respondeu a carta do príncipe João Frederico, sabendo que poderia contar com seu apoio. Trata-se, de acordo com LOEWENICH (1934, p. 555), de carta a ele escrita por João Frederico, em 20 de dezembro de 1520. “O príncipe havia tomado conhecimento das perseguições contra Lutero e imediatamente intercedeu por ele junto a seu superior, príncipe eleitor Frederico, o Sábio. A carta informa sobre o êxito obtido, pelo que Lutero expressa alívio e alegria” (REIMER, 2016, p. 46).

Lutero não atendeu à ordem de retratação exigida por Roma, sendo então convocado pelo imperador Carlos V para se apresentar na Dieta de Worms, em abril de 1521, na qual também não abriu mão de suas convicções. Saiu de Worms com a ameaça imperial da proscrição. No caminho de volta, foi então “sequestrado” por ordem do príncipe eleitor Frederico, o Sábio, e foi levado para Wartburgo, onde permaneceu asilado como “cavalheiro Jorge” (REIMER, 2016, p. 46).

A proscrição foi concretizada com o Edito de Worms, assinado pelo imperador em 26 de maio de 1521. Excomungado, Lutero também foi destituído de seus direitos políticos por causa da acusação de erros doutrinários, como a doutrina dos sacramentos, do livre-arbítrio, rebelião contra autoridades da igreja e do Estado e desrespeito aos concílios. “Uma ordem de prisão também foi expedida para seus adeptos, e a divulgação de suas obras foi proibida” (REIMER, 2016, p. 46). Com suas resoluções, na perspectiva de DREHER, o Edito de Worms “apresenta-nos um dos traços mais característicos da Contrarreforma, que é o controle eclesiástico sobre a vida intelectual e religiosa” (2013, p. 238).

Foram nessas circunstâncias, que segundo DREHER, o cântico de Maria “foi consolo para Lutero nos dias anteriores à Dieta de Worms, em 1521, quando teve que se apresentar

ante o Imperador Carlos V, e foi-lhe conforto quando, com seus direitos políticos cassados, esteve exilado no Wartburgo” (2015, p. 7). De acordo com REIMER, “na segunda metade de março de 1521, começou o trabalho de impressão da obra, que teve de ser interrompido por causa da viagem de Lutero a Worms” (2016, p. 47). Por isso, em 31 de março, Lutero enviou as três folhas da prova do manuscrito ao príncipe João Frederico, com a observação:

eu envio à Vossa Senhoria a iniciada obra *Magnificat*, sendo que a quarta parte ainda está na prensa. Eu tenho que interromper o trabalho até meu regresso, pois Vossa Senhoria percebe que, por causa da minha convocação para a Dieta, tenho que largar tudo. Deus me ajude a retornar novamente para casa, de forma que Vossa Senhoria rapidamente poderá ter toda a obra em mãos (LUTERO apud SEILS, 1987, p. 313).

Assim, na volta de Worms, proscrito, excomungado e asilado em Wartburgo até março de 1522, Lutero traduziu o Novo Testamento e escreveu várias obras, entre elas Lutero concluiu sua análise e interpretação do *Magnificat* de Maria, impressa em setembro de 1521 (LOEWENICH, 1934, p. 555; SEILS, 1987, p. 312; DREHER, 2015, p. 7).

João Frederico, duque da Saxônia, havia solicitado a Lutero ajuda e orientação para seu governo, portanto, o rumo da interpretação do *Magnificat* de Maria, por Lutero é a necessidade de governantes se deixarem governar, para o bem do povo, pela graça e ajuda de Deus. Dito de outra forma: a qualidade de vida do povo evidenciará se o governante é governado ou não pela graça de Deus (REIMER, 2016, p. 47). Confiante que o príncipe estaria inclinado a amar a Sagrada Escritura, Lutero assume o compromisso de interpretar o *Magnificat*, orientando-o a governar de acordo com a vontade de Deus:

Desejo a Vossa Alteza a graça e a ajuda divina. Isso é muito necessário. O bem-estar de muita gente depende de um príncipe tão importante, quando ele é governado pela graça de Deus. Por outro lado, dele depende a desgraça de muitos, quando ele se volta para si próprio e não é governado pela graça (LUTERO, 2015, p. 9).

Desta maneira ele demonstra qual o objetivo principal da sua obra: “É necessário que todos os superiores temam a Deus mais do que outras pessoas. Eles não precisam temer pessoas. Devem reconhecer bem Deus e suas obras e ser prestativos” (LUTERO, 2015, p. 10). Sua exegese é para alcançar este objetivo, pois ele não se lembrava de “nada nas Escrituras

que sirva melhor para este caso que o cântico sagrado da bendita mãe de Deus. Sem dúvida, todos os que quiserem governar bem e ser boas autoridades devem aprender bem e guardar na memória aquele cântico” (LUTERO, 2015, p. 10).

Lutero sugere que Maria deve servir de exemplo para uma atitude ética cristã, um modelo especial para governantes; pois, ela é tida como modelo de desprendimento e de amor cristão, que não busca seu próprio benefício, antes “ela é serva, como todos os cristãos deveriam ser” (DEIFELT, 2003, p. 125). Na visão de REIMER, compreender e cantar o Magnificat significa, para Lutero, “desistir do orgulho e da prepotência, de colocar-se a serviço de Deus no serviço ao próximo que precisa do amor de Deus, voltando nosso olhar para baixo, assim como Deus faz, de colocar-se junto com pessoas empobrecidas” (2016, p. 61).

2 Exegese do Magnificat de Maria no *Magnificat* de Lutero

Apesar de fornecer orientação aos governantes de como governar bem ser o objetivo principal da sua obra, Lutero aborda outros temas em sua análise de Lucas 1:46b-55, em especial sua defesa da justificação pela fé em contraste com a justificação pelas obras. Neste ponto ele defende que “a paz tem somente uma origem: quando se ensina que nenhuma obra, nenhuma prática externa nos torna retos, justos e bem-aventurados, mas somente a fé, isto é, a boa confiança na graça visível de Deus, que nos é prometida” (LUTERO, 2015, p. 19).

Lutero é incisivo em seus ataques aos líderes religiosos, que para ele “pregam como realizar obras, mas a maioria anuncia doutrinas e obras humanas que eles próprios inventaram e instituíram” (2015, p. 27), e continua dizendo que eles,

ensinam a fazer as boas obras e a levar uma vida decente não por amor à pura bondade de Deus, mas por interesse próprio. Se não existissem Céu e Inferno e se a bondade de Deus não lhes promettesse nenhuma satisfação, esqueceriam sua bondade, sem amar nem honrá-la. Todos são aproveitadores e mercenários, criados e não filhos, forasteiros e não herdeiros. Transformam a si próprios em ídolos (LUTERO, 2015, p. 27-28).

A partir do reconhecimento da salvação misericordiosa de Deus, a crítica de Lutero torna-se, segundo REIMER, dura em relação a duas práticas sócio-religiosas existentes em seu tempo: “a prática das boas obras de forma meritória, numa lógica de coação divina, do toma-lá-dá-cá e a prática das ordens mendicantes. Ambas são questionadas por apontarem mais para si do que para Deus” (2016, p. 59). Lutero tece paralelos críticos em relação a grupos religiosos de seu tempo, como eremitas e franciscanos pé-descalços, que se esforçam por alcançar a bem-aventurança com jejuns, sendo mestres de falsa piedade. Ele diz que

surge então toda classe de seitas e ordens: um torna-se eremita, outro franciscano pé-descalço; um quer alcançar a bem-aventurança com jejuns, outro com orações; um com um certo tipo de obra e outro com uma diferente. Mas todas são obras e ordens de escolha própria, nunca determinadas por Deus, mas inventadas exclusivamente por seres humanos. Ao lado delas, as pessoas não dão mais atenção à fé e aprendem a confiar sempre mais nas obras (LUTERO, 2015, p. 19).

Na soteriologia de Lutero, Deus nos salva por pura bondade, sem qualquer merecimento por meio de obras. Por isso, não deveríamos estar preocupados com a recompensa, afinal Deus não olha para as obras, mas para o coração e a fé (LUTERO, 2015, p. 35). Questionando as teologias meritórias, ele afirma em duas direções: (1) é contra as obras por si mesmas; e, (2) é a favor das obras como expressão de gratidão à salvação pela exclusiva graça de Deus. Portanto, a sua crítica à teologia meritória não pode servir de fundamento ou justificativa para indiferença, ingratidão ou inércia (REIMER, 2016, p. 52).

Conforme constata REIMER, “ele critica, também de forma irônica e destacando a premissa da fé, a intenção de adquirir maior grau de santidade por meio de aparência e afastamento do mundo” (2016, p. 60). Neste ponto encontramos Lutero, mais uma vez, recriminando os líderes religiosos, pois eles

chegaram até ao extremo de convencer as pessoas a vestirem hábitos de monges na hora da morte. Alegam que quem morre nessa roupa santa tem perdão de todos os pecados e será salvo. Começam, pois, a conceder a bem-aventurança às pessoas não apenas por meio de obras estranhas, mas também através de roupas estranhas. [...] Uma vestimenta de monge pode justificar e salvar – isto é estupidez! Para que ainda se precisa de fé! Vamos virar todos monges ou morrer em hábitos de monge! Seria necessário muito tecido somente para os hábitos (LUTERO, 2015, p. 35).

Trata-se da crítica de uma mentalidade medieval de que, para receber bens, emprego, bom casamento e poder é necessário agradar a Deus com alguma oferta, seja por meio de obra beneficente, de doação para a igreja, de realização de rezas e procissões, de compra de indulgência, entre outras. Para conquistar a salvação, ou o céu, as pessoas se passavam por bondosas, colocando-se elas próprias como dignas de honra, gratidão e reconhecimento, ocupando, assim, o lugar de Deus. De acordo com REIMER, “os bens serviam como meio de barganha, tanto para conquistar respeito e honra entre as pessoas, quanto para conquistar a graça de Deus. E contra esta prática Lutero não poupava críticas” (2016, p. 60).

Um segundo tema que Lutero extrai do cântico de Maria, em sua exegese, é a questão da adoração, onde ele condena as pessoas que acham que podem louvar a Deus com muitas palavras, gritaria e tinidos, se comportando como se Deus fosse surdo e de nada soubesse, como se o quiséssemos acordar e instruir. Para LUTERO “a situação é diferente quando alguém medita, bem no fundo do coração, sobre Seus feitos divinos e os observa com admiração e agradecimento” (2015, p. 42).

“Cantamos o Magnificat diariamente em voz alta e com grande pompa, mas silenciemos cada vez mais seu verdadeiro tom e sentido” (LUTERO, 2015, p. 73). De acordo com REIMER, Lutero não se opunha a cantar o Magnificat, que fazia parte da Oração das Horas, na parte vespertina. Contudo, a partir de suas observações, experiências e estudos, ele questionava o modo como isso era feito (2016, p. 59): “Cantamos apenas quando estamos bem; mas quando as coisas vão mal, termina o canto. Nada mais se quer saber de Deus” (LUTERO, 2015, p. 22).

Ele também diz que “ninguém deve aceitar a honra como dada a ele e nem guardá-la para si. Devemos santificá-la e devolvê-la a Deus” (LUTERO, 2015, p. 47), assim como fez Maria com todo seu ser, engrandeceu a Deus, porque Ele lhe fez coisas boas. Ela não teria engrandecido a si mesma e nem teria buscado sua própria honra pelo fato de Deus ter feito grandes coisas para ela; em contraste, Lutero denuncia a soberba dos ricos e poderosos. Ao contrário deles, Maria não reteve para si as grandes coisas que Deus lhe fez, mas devolveu tudo a Deus, para Sua honra e glória, e não desprezou ninguém por causa de ter sido a escolhida. Conforme pontua REIMER, “diferente dos ricos e poderosos, das hierarquias eclesíásticas e dos suntuosos shows litúrgicos, ela engrandece e louva Deus, dispondo-se a ser um alegre albergue e uma serviçal anfitriã desse hóspede (2016, p. 61).

A humildade de Maria para Lutero reside tanto no “antes” de Deus ter olhado para ela, como também depois, nada tendo reclamado ou exigido para si mesma, nem mesmo a honra de ser chamada “mãe de Deus” (REIMER, 2016, p. 65-67). A conclusão de Lutero é que é preciso aprender continuamente a servir a Deus, agindo com justiça e misericórdia ao próximo, em gratidão ao amor de Deus, e, então, engrandecer e louvar a Deus, como Maria o fez, com o Magnificat (REIMER, 2016, p. 65).

Um tema recorrente é o ataque de Lutero à classe religiosa, ele diz que não há ser humano rico e nem ser humano poderoso tão arrogante e audacioso quanto “um pretensioso que acha que tem razão, que entende das coisas e que se considera mais sábio do que os outros [...] Ele ousa gabar-se de não poder errar, que Deus está a seu lado e os outros são diabólicos” (LUTERO, 2015, p. 51). Para Lutero a grande obra de Deus consiste em destruir a arrogância espiritual ou o conhecimento dos sábios que se colocam acima e no centro de tudo, não dando honra a Deus e não servindo ao próximo. Ele nomeia esses líderes para não deixar dúvida quem seriam os alvos de suas críticas:

Em nossa época, mais do que ninguém o papa e seus seguidores têm sido esse povo. E por muito tempo. Eles também agem dessa forma e agora mais do que nunca. Não ouvem nem cedem. É inútil falar, aconselhar, pedir, ameaçar, em resumo, nada mais adianta. Nós estamos com a razão e pronto! Diga o contrário quem quiser, ainda que seja o mundo inteiro (LUTERO, 2015, p. 52).

Para ele os homens, principalmente quando “se encontram em posição de autoridade, quando não seguem o exemplo misericordioso de Deus e se tornam arrogantes e teimosos em seus propósitos humanos de riqueza e poder” (LUTERO, 2017, p. 52), cometem injustiça, violência e derramamento de sangue.

Outro alvo de suas críticas são os judeus, e nesta obra observamos suas tendências antisemitas², quando diz que o clero e as ordens eclesiásticas são os inimigos da verdade divina, assim como foram e ainda são os judeus contra Cristo, e apesar de terem as melhores intenções “têm pena do pobre Jesus por praticar tanta injustiça e ser tão arrogante, não tão

² No Magnificat, Lutero pouco se refere ao povo judeu. Contudo, mais tarde (1543), escreve especificamente contra os judeus. Num primeiro momento, em tom tranquilo, em busca da sua conversão; mais tarde, de forma agressiva e assustadora, o que lhe custou a fama de ter contribuído teologicamente e elaborado um antijudaísmo religioso antes nunca visto. A este respeito, ver ALTMANN (1994, p. 263-269) e DELUMEAU (2009, p. 414-435).

piedoso quanto eles” (LUTERO, 2015, p. 62). Dessa forma o clero agarrando-se às suas próprias doutrinas, perseguem quem pensa diferente, como já havia acontecido com o próprio Lutero e que, por isto, se encontrava em Wartburgo (REIMER, 2016, p. 64).

3 Evidências de ruptura com a mariologia católica

Ao longo da obra *Magnificat* encontramos evidências que parecem sugerir uma ruptura com a mariologia católica tradicional, entre elas se destacam: (1) Maria simplesmente como modelo de vida cristã; (2) a ênfase na sua humildade, inferioridade e insignificância; e, (3) o fato dela não desejar honra, louvor ou ser idolatrada.

Segundo DREHER, Maria é para Lutero “modelo de vida cristã, que experimentou a justificação por graça e fé” (2015, p. 7). O mesmo testemunho encontramos em FRIEDRICH: “Maria conheceu essa graça e viveu essa fé. Lutero, em meio à angústia e aflição, redescobriu tal graça e tal fé e, por meio delas, enxergou a luz do Evangelho” (2015, p. 5). Para Dreher,

Lutero redescobre uma imagem profundamente evangélica de Maria. Maria é expressão de vida a partir do Espírito Santo. [...] Ele cria do nada, valoriza os que nada são, age contra todos os princípios humanos. [...] Maria é exemplo da gratuidade do agir de Deus. [...] É exemplo de fé e esperança em Deus. [...] Maria é um exemplo do agir de Deus na História [...] o cântico de Maria, na exposição de Lutero, é mariologia evangélica (DREHER, 2015, p. 7-8).

A ênfase na humildade de Maria é constantemente encontrada na obra: “Ela própria experimentou que Deus fez coisas grandes nela, mesmo ela tendo sido uma pessoa sem importância, pobre e desprezada” (LUTERO, 2015, p. 13). Para Lutero, “a doce mãe de Cristo” nos ensina, através de sua própria experiência e pelo seu cântico, como se deve conhecer, amar e louvar Deus. O “tronco de Jessé”, no tempo de Maria, já não era mais cheio de honra, glória, riqueza e poder, mas estava representado em Maria, “humilde e pobre mocinha” (LUTERO, 2017, p. 16), em contraste

as filhas dos sumos sacerdotes e conselheiros de Jerusalém eram mais ricas, belas, jovens e cultas; tinham uma boa reputação em todo o país, assim como as filhas de reis, príncipes e ricos de hoje. Isso também acontecia em muitas outras cidades. Maria não era filha de gente importante em Nazaré, sua cidade natal, mas de um cidadão simples e pobre. [...] Foi uma moça comum no meio dos vizinhos e suas filhas, que cuidava dos animais e dos trabalhos domésticos. Não era nada diferente de uma pobre doméstica de hoje, que faz o que é mandada (LUTERO, 2015, p. 15).

Para LUTERO, “não era de se esperar que a virgem Maria fosse mãe de um filho tão importante. [...] Justamente quando a casa de Davi chegara ao topo de sua insignificância” (2015, p. 16). Em virtude disso, ele louva a Deus dizendo: “Deus é tão imensamente bondoso e de tamanha graça, que olhou para uma moça muito humilde de forma tão maravilhosa e honrosa” (2015, p. 30).

A humildade é enfatizada também quando ele argumenta que Maria “não queria que se fizesse muito caso dela”, pelo contrário, ela engrandece exclusivamente a Deus, atribui tudo somente a ele” (LUTERO, 2015, p. 23). E continua argumentando que “Maria notou a grande obra de Deus nela, mas ela não se considerou maior do que a pessoa mais humilde da terra” (2015, p. 23). Para ele, Maria

teve apenas este pensamento: se outra jovem tivesse sido beneficiada por Deus, ela também desejaria alegrar-se e querer tudo de bom para essa jovem. Até desejaria julgar-se a única indigna dessa honra e todas as demais, dignas. Maria também teria se conformado se Deus lhe tivesse tirado esses benefícios e dado a uma outra jovem diante de seus olhos. Ela não se atribui absolutamente nada de tudo isso. Não foi mais do que um alegre albergue e uma serviçal anfitriã desse hóspede (2015, p. 23).

Nem mesmo a maternidade de Maria, reconhecida pelos dogmas católicos como mãe de Deus – dogma esse que Lutero confessa – é apresentada, no *Magnificat*, como o motivo de sua bem-aventurança; ela foi uma concretização da escolha e da ação de Deus. O fato de ela ser confessada “mãe de Deus” não faz dela uma pessoa especial (REIMER, 2016, p. 66). Na visão de Lutero “é uma característica de Deus olhar para as coisas insignificantes”, por isso Maria teria dito o seguinte:

Deus olhou para mim, uma moça pobre, desprezada e insignificante. Ele poderia ter escolhido ricas, importantes, nobres e poderosas rainhas, filhas de príncipes e grandes autoridades. Poderia muito bem ter escolhido a filha de Anás ou Caifás, que

teriam sido os maiores do país. Porém ele olhou para mim por pura bondade e usou para esse fim uma moça humilde e desprezada (LUTERO, 2015, p. 30).

Seguindo essa mesma linha Martinho defende que ela “fala somente de sua condição inferior. [...] Ela nunca pensou em honra ou privilégio e também não teve consciência de ter sido humilde” (LUTERO, 2015, p. 33), e “ela atribui tudo inteiramente ao fato de Deus ter observado sua nulidade” (2015, p. 38). Na perspectiva de Lutero, ninguém deve pensar “que desagrada a Maria ouvir que ela é considerada indigna de tão grande graça. Sem dúvida, ela não mentiu quando ela mesma confessou essa indignidade e nulidade” (2015, p. 38).

Para Lutero, “Maria não gostava de ouvir os charlatões inúteis, que pregam e escrevem muito a respeito de seu mérito [...] quanto mais dignidade e mérito se atribui à mãe de Deus, tanto mais se prejudica a graça de Deus e se reduz a verdade do Magnificat” (LUTERO, 2015, p. 38). É neste ponto que ele rejeita a Mariolatria: “Todos aqueles que insistentemente atribuem a Maria tanto louvor e honra e lhe impõem tudo isso não estão longe de transformá-la em ídolo, como se ela desejasse ser honrada e se devesse esperar todo o bem dela” (LUTERO, 2015, p. 38).

Na visão de Lutero, “Maria rejeita isso e quer que Deus seja honrado nela e que, por intermédio dela todos sejam levados a confiar plenamente na graça de Deus” (LUTERO, 2015, p. 39). Ainda segundo ele, “para esse fim foram escritos a vida e os atos de Maria e de todos os santos. Mas agora há pessoas que buscam auxílio e consolo nela como num Deus. Receio que, em nossos dias, existe idolatria demais no mundo. Isso basta por enquanto” (2015, p. 40).

Dessa forma vemos que com sua análise do *Magnificat*, Lutero não poupou críticas a práticas marianas que praticamente esqueciam de Deus e idolatravam Maria. Destacou, por exemplo, que Maria seria bem-aventurada pelo fato de Deus ter baixado os olhos para ela na sua humildade/insignificância, e não por causa de alguma virtude sua, de sua humildade ou virgindade (REIMER, 2016, p. 65).

Na visão de LUTERO, Maria estaria dizendo que ela seria “apenas a oficina na qual Ele trabalha, mas nada contribuí para a obra. Por isso ninguém me deve louvar nem me dar a honra por me ter tornado a mãe de Deus” (2015, p. 45). Ele continua dizendo que

Maria atribui todas as coisas inteiramente a Deus. Não reclama para si nenhuma honra, nenhuma glória. Comporta-se como antes, quando ainda não tinha nada dessas coisas. Também não quer mais honra do que antes. Não se vangloria, não se gaba de que se tornou mãe de Deus, não exige honra. Mas vai e trabalha na casa como antes, ordenha as vacas, cozinha, lava a louça, varre e ocupa-se como uma empregada ou uma dona de casa deve ocupar-se com trabalhos pequenos e insignificantes, como se não se importasse com esses dons e graças extraordinárias. Ela não é julgada melhor entre as mulheres e vizinhos do que antes. Ela também não quis ser mais, mas continuou sendo uma pobre cidadã no meio da massa de pessoas humildes (LUTERO, 2015, p. 46).

Nesta perspectiva deve ser louvada a misericordiosa graça de Deus que escolheu e atuou em Maria, e que ela “atribui tudo inteiramente ao fato de Deus ter observado sua nulidade” (LUTERO, 2015, p. 38). Portanto, Maria expressa claramente que é este motivo que fará com que “todas as gerações” a considerem bem-aventurada, o que, para Lutero, é um convite para “aprender como honrar e servir a Deus devidamente” (2015, p. 38). Contudo, não era isso que faziam “os louvadores que falam muito e os tagarelas inúteis [...] que buscam auxílio e consolo nela com num Deus” (2015, p. 40). Mais uma vez vemos Lutero criticando a Mariolatria.

De acordo com REIMER, a crítica de Lutero, “brota de exageros de práticas marianas em seu contexto³, que assim são avaliados no conjunto do desenvolvimento dos princípios teológico-hermenêuticos no movimento da Reforma” (2016, p. 66). Dessa forma, uma possível síntese do pensamento de LUTERO neste ponto seria que: “Maria não quer que você venha a ela, mas que você encontre Deus através dela” (2017, p. 39).

Como vimos ao longo da obra *Magnificat* encontramos evidências que parecem sugerir uma ruptura com a mariologia católica: Maria como modelo de vida cristã; a ênfase na sua inferioridade e insignificância; e, na crítica das práticas marianas que honravam, louvavam e até idolatravam Maria. Essas evidências parecem sugerir uma completa ruptura com a mariologia católica tradicional, porém encontramos no *Magnificat* evidências de uma continuidade com esta mariologia.

³ Lutero afirma que bem-aventurar Maria “não se deve limitar a palavras, ajoelhações, inclinação da cabeça, tirar o chapéu, fazer imagens, construir igrejas – os maus também fazem isso” (2015, p. 40).

4 Evidências de continuidade com a mariologia católica

As principais evidências de que Lutero apresenta uma continuidade com a mariologia católica tradicional são: (1) as expressões usadas para se referir a Maria; (2) sua posição elevada e especial, sendo ela digna de honra e louvor; e, (3) as afirmações que ele faz da impecabilidade de Maria e o fato dela ser intercessora entre Deus e os homens.

Podemos começar com o uso incessante das expressões: “bendita mãe de Deus” e “doce mãe de Deus” (LUTERO, 2015, p. 10), “santa mãe” (2015, p. 21), e outras mais. Lutero inclusive pede que “a doce mãe de Deus” conquiste para ele “o espírito capaz de interpretar de forma proveitosa e profunda este cântico” (2015, p. 10). Segundo ASSIS, Lutero usa essas expressões chamando-a de “mãe de Deus” e “mãe de Cristo”, retomando palavras da antiga tradição (2015, p. 4).

A despeito dos trechos da obra que parecem dizer o contrário, vemos que para Lutero, “como mãe de Deus, Maria se vê elevada acima de todas as pessoas”, por isso “Maria teve muitos motivos para cair e pecar. Assim, ter escapado de arrogância e da vaidade não é um milagre menor do que ter recebido esses bens” (LUTERO, 2015, p. 23). Ela seria “cercada de nobres e superabundantes bens”, mesmo que, “ela não se agarre a eles, não busca através deles vantagem própria” (2015, p. 27). Conforme Lutero “ela goza de honras tão extraordinárias” e, mesmo assim, “não cede à tentação. Comporta-se como se não o enxergasse e continua no caminho da mesma forma e de modo correto” (2015, p. 27).

Para ele, Maria é digna de honra, e para “quem quiser honrar Maria devidamente não deve observá-la de forma isolada”, mas deveria “vê-la diante de Deus e muito abaixo de Deus, despindo-a de tudo e (como ela diz) contemplando a sua nulidade. [...] Maria é levantada acima de todos os exemplos, enquanto ela deveria e queria ser, com prazer, o mais nobre exemplo da graça de Deus” (LUTERO, 2015, p. 39). Isso provaria que, de agora em diante, Deus não desprezará a nós pobres seres humanos nulos, mas nos olhará com misericórdia (2015, p. 39).

Na visão de Lutero os “judeus, pagãos e muitos maus cristãos a insultam ou, pelo menos, se negam a chamá-la de bem-aventurada” (LUTERO, 2015, p. 40), pois a respeito da

virgem Maria ele afirma que “seu louvor há de durar de geração em geração e não haverá época em que ela não seja louvada” (2015, p. 40). Segundo ele,

foram dadas a ela tantas e tão grandes obras, que ninguém as pode compreender. Nisso estão toda a sua honra e bem-aventurança. Por essa razão ela é uma pessoa especial dentre todo o gênero humano. Ninguém se iguala a ela, porque ela tem um filho com o Pai celeste. [...] Por isso toda a honra de Maria foi resumida numa única palavra: mãe de Deus. Ninguém pode dizer coisa mais nobre dela e para ela, mesmo que tivesse tantas línguas quanto existem folhas e ervas, estrelas no céu e areia no mar. Também é preciso meditar no coração sobre o que significa ser mãe de Deus (LUTERO, 2015, p. 43).

Para Lutero, “é preferível anular méritos de Maria a diminuir a graça de Deus” (LUTERO, 2015, p. 44), parece que é isso que ele quer defender ao longo do *Magnificat*, para ele “na verdade, não se pode anular méritos em demasia, já que ela foi criada do nada, como todas as criaturas. Mas a graça de Deus é desmerecida com grande facilidade. Isso é perigoso e com isso não se prova amor por ela” (2015, p. 44). Portanto, para Lutero, mesmo ela sendo digna de honra, não devemos honrá-la em detrimento de honrar e louvar a Deus.

Mais uma vez encontramos Lutero usando uma expressão significativa para se referir a Maria: “Rainha do Céu” (LUTERO, 2015, p. 44), porém, mais uma vez observamos neste texto as críticas à Mariolatria: “De fato, é necessária moderação, para não exagerar com os nomes, chamando Maria de rainha do céu. Isso está certo. Mas nem por isso ela é um ídolo que possa conceder algo ou ajudar alguém, como acreditam alguns que clamam mais a ela do que a Deus e nela buscam refúgio. Maria nada dá, mas somente Deus” (2015, p. 44).

Para ele, “Maria não quer ser um ídolo. Ela nada faz. Deus é que faz todas as coisas”, porém, ele acredita que ela é intercessora entre Deus e os homens: “Devemos suplicar a ela para que, por amor a ela, Deus faça o que pedimos. No mesmo sentido também devemos suplicar a todos os outros santos para que, em todos os casos, a obra seja sempre exclusiva de Deus” (LUTERO, 2015, p. 45). Aqui vemos Lutero escrever que “devemos suplicar a ela”, o que é significativo, no sentido da intermediação. A questão é: Em que medida devemos dirigir súplicas a Maria? Lutero é claro na resposta: devemos suplicar-lhe para que Deus realize o que pedimos, o que precisamos, “por amor a ela”. “Com isso, reafirma o que desenvolveu em sua chave hermenêutica na interpretação do *Magnificat*: a realização é exclusivamente de Deus, mas Maria assume, também aqui, uma interação” (REIMER, 2016, p. 67).

É bastante significativo também o fato de Lutero, ao enfatizar a posição humilde de Maria, dizer que “embora tivesse sido sem pecado, essa graça era tão superior a tudo que, de modo algum, ela era digna dela” (LUTERO, 2015, p. 43). Ao confessar a condição de impecabilidade de Maria, ele professa sua crença no dogma católico da Imaculada Conceição, e diz que por esse motivo ela era digna de toda a graça que recebeu.

Considerações finais

Como vimos, ao longo da obra *Magnificat* encontramos evidências que parecem sugerir uma ruptura com a mariologia católica: o exemplo de Maria simplesmente como modelo de vida cristã; a ênfase na sua inferioridade e insignificância; e, a crítica das práticas marianas que honravam, louvavam e até idolatravam Maria. Essas evidências parecem sugerir uma completa ruptura com a mariologia católica tradicional.

Porém, encontramos também no *Magnificat* evidências de uma continuidade com a mariologia católica, por exemplo: as expressões usadas para se referir a Maria, sua posição elevada e especial, sendo digna de honra e louvor; e as afirmações de sua impecabilidade e ser ela intercessora entre Deus e os homens. Como entender esta aparente contradição?

O que parece ficar claro com as declarações de Martinho Lutero na obra *Magnificat*, é que, pelo menos na época da composição desta obra, ele permanecia devoto à mariologia católica tradicional, pois ele usava expressões tradicionais que exaltavam Maria. Ele a considerava em uma posição elevada e especial, a ponto de ser digna de honra e louvor, mas os aspectos mais relevantes seria considerá-la sem pecado e intercessora entre Deus e os homens.

No entanto, ao mesmo tempo ele parece querer corrigir alguns aspectos da devoção à Maria, pois já naquela havia devotos que honravam, louvavam e até idolatravam Maria, neste aspecto ele prefere enfatizar Maria como modelo de vida cristã e destacar sua inferioridade e insignificância. Portanto existe convergência entre o objetivo principal da obra e a mariologia de Lutero: seguindo o exemplo de Maria, os governantes em suas elevadas posições deveriam ser humildes e tementes a Deus.

Referências bibliográficas:

ALTMANN, Walter. *Lutero e Libertação: releitura de Lutero em perspectiva latino-americana*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Ática, 1994.

ASSIS, Raymundo Cardeal Damasceno. Ao leitor. In: LUTERO, Martim. *Magnificat: o louvor de Maria*. São Leopoldo: Sinodal; Aparecida: Santuário, 2015.

BÍBLIA. Tradução de João Ferreira de Almeida (revista e atualizada no Brasil) 2 ed. São Paulo: Sociedade Bíblica Brasileira, 1993.

DEIFELT, Wanda. *Maria – uma santa protestante?* Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana, Petrópolis, n. 46, v. 3, p. 119-134, 2003.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente: 1300-1800 – uma cidade sitiada*. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DREHER, Martin N. *História do Povo de Deus: uma leitura latino-americana*. São Leopoldo: Sinodal, 2013.

DREHER, Martin N. Apresentação. In: LUTERO, Martim. *Magnificat: o louvor de Maria*. São Leopoldo: Sinodal; Aparecida: Santuário, 2015.

FRIEDRICH, Nestor Paulo. Apresentação desta edição. In: LUTERO, Martim. *Magnificat: o louvor de Maria*. São Leopoldo: Sinodal; Aparecida: Santuário, 2015.

LOEWENICH, Walter von. Das Magnificat. In: HEINSIUS, Wilhelm (Hg.). *Martin Luther: Bibelübersetzung, Schriftauslegung, Predigt*. München: Chr. Kaiser Verlag, 1934. p. 224-293; p. 555-557 (Erläuterungen).

LUTERO, Martim. *Magnificat: o louvor de Maria*. São Leopoldo: Sinodal; Aparecida: Santuário, 2015.

REIMER, Ivani Richter. *O magnificat de Maria no magnificat de Lutero*. Estudos de Religião, v. 30, n. 2, p. 41-69, maio-ago 2016.

SEILS, Martin. Das *Magnificat* verdeutscht und ausgelegt, 1521. In: DELIUS, Hans- Ulrich (Hg.). *Martin Luther: Studienausgabe*. Bd. 1. 3.Nachdr. d.1.Aufl. Berlin: Evangelische Verlagsanstalt, 1987. p. 312-364.